

V SIANCO



## SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ANÁLISE COGNITIVA 15 a 19 de setembro de 2025

**Temática: O campo multirreferencial da Análise Cognitiva: Tendências e desafios na atuação profissional**

Organização **Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento**



### EQUIDADE INTERGERACIONAL: UMA PERSPECTIVA PARA EDUCAÇÃO BÁSICA

Deysiene (Deyse) Cruz

<sup>1</sup>Vanessa Vieira<sup>2</sup>

Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira

<sup>3</sup>Dante Galeffi

4

### EIXO TEMÁTICO: Cultura e Interseccionalidade

### REFLEXÕES INICIAIS

Este estudo emerge das inquietações de docentes-pesquisadoras vinculadas a uma universidade pública baiana, que, a partir de suas práticas e vivências, propõem a equidade intergeracional como perspectiva teórico-metodológica para a educação básica. A proposta se inscreve no campo das epistemologias críticas e insurgentes, articulando saberes ancestrais, memórias coletivas e convivência com pessoas idosas como estratégias para promover justiça social e sustentabilidade.

A discussão é respaldada pelo artigo 22 do Estatuto da Pessoa Idosa (2003), que determina a inserção de conteúdos sobre envelhecimento, respeito e valorização da pessoa idosa nos currículos escolares, com vistas à superação de preconceitos e à produção de conhecimentos significativos. Tal diretriz legal é tomada aqui como ponto de partida para tensionar os

<sup>1</sup> Doutoranda do PPGDC/UFBA. Membro Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Encruzilhada Feminina. E-mail: csdeyse@gmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda do PPGDC/UFBA. Membro Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Encruzilhada Feminina. E-mail: vanessavieira12@hotmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia na área de Teatro-Educação (2007), Coordenadora do Programa de Pós Graduação em Difusão do Conhecimento e Professora Orientadora. E-mail: uraniamaia@gmail.com

<sup>4</sup> Doutor em Educação. Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia-UFBA. Prof. PPGDC. E-mail: dgaleffi@uol.com.br

currículos da educação básica, propondo práticas pedagógicas que reconheçam a intergeracionalidade como dimensão formativa.

Este artigo propõe uma reflexão acerca da importância da intergeracionalidade no ensino de Arte, destacando como a memória ancestral e as práticas culturais de comunidades negras podem ser incorporadas de forma crítica e decolonial ao contexto da educação básica.

Ao dialogar com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente aqueles voltados à igualdade e à redução das desigualdades, e com os estudos sobre interseccionalidade (LOURO, 1991), este trabalho propõe uma abordagem multirreferencial (BURNHAM, 1998), que reconhece a complexidade dos fenômenos educativos e a pluralidade dos sujeitos envolvidos. A equidade intergeracional, nesse contexto, é compreendida como prática educativa que articula gênero, raça, classe, território e geração, abrindo espaço para novas produções de conhecimento e para a valorização das experiências de vida das pessoas idosas.

A metodologia adotada é a autcartografia, situada na abordagem qualitativa, que permite às autoras posicionarem-se eticamente como pesquisadoras encarnadas, comprometidas com a transformação social e com a construção de saberes que desafiam as normativas tradicionais da ciência. Assim, este estudo se apresenta como contribuição ao V SIANCO 2025, alinhando-se ao eixo “Cultura e Interseccionalidade” e às discussões sobre epistemologias críticas, insurgência metodológica e justiça intergeracional.

## **PISTAS METODOLÓGICAS**

A autcartografia é compreendida como uma atitude ética de posicionalidade das pesquisadoras, uma vez que, ao adotarem uma postura ética que considera as múltiplas dimensões da pesquisa e reconheça o papel da cartografia, como uma metodologia crítica e reflexiva, está provocando os devires e porvires que uma pesquisa de cunho (auto)cartográfico. Implica dizer que neste método, a observação da emergência é uma parte fundamental desse processo, pois permite que a/o pesquisadora/r identifique e explore as novas conexões e relações que emergem ao longo do processo de pesquisa.

A (auto)cartografia é para Silva como um olhar para si retrospectivamente e prospectivamente num ir e vir de imagens, de fios, conexões e elos que vão forjando-me a professora-pesquisadora inquieta com a dimensão humana do ato educativo, atravessado pela dimensão ética e política da docência como prática social (Silva, 2003, p.64).

Essa abordagem de pesquisa é particularmente útil para estudar fenômenos complexos e dinâmicos, como processos sociais, culturais e políticos. Algumas das principais características dessa abordagem de pesquisa incluem: - Produção de dados: em vez de coleta de dados; cultivo dos dados: como um processo de criação e emergência contínuas; observação da emergência: para identificar e explorar as novas conexões e relações que emergem ao longo do processo de pesquisa; flexibilidade e adaptabilidade: para se ajustar às mudanças e emergências que ocorrem ao longo do processo de pesquisa.

Sendo assim, o presente trabalho parte do método autocartográfico, por ser inquietações e posicionamentos das autoras, que pregam por uma educação propulsora de mudanças, transformações, inclusões e enfrentamento ao que atravessa negativamente nos corpos dos sujeitos, sobretudo dos sujeitos da educação básica.

Tendo a abordagem qualitativa de Galeffi (2009, p. 17) a pesquisa tem o “lugar de reinventar a ciência para usufruto das necessidades relativas à existência humana universal instantânea” é como uma ciência menor como potência, que não parametriza os sujeitos pelas regras da métrica, mas com eles dialoga, em co-horizontalidade.

## **A EQUIDADE INTERGERACIONAL NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

A equidade intergeracional, no contexto brasileiro, articula-se com a agenda global da Organização das Nações Unidas (ONU), que propõe, até 2030, a promoção e proteção dos direitos humanos com atenção à justiça entre gerações. Essa perspectiva encontra respaldo na Constituição Federal de 1988, especialmente em seu artigo 225, que afirma o direito de todos a um meio ambiente ecologicamente equilibrado, impondo à coletividade o dever de preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

Compreendida como justiça entre gerações, a equidade intergeracional envolve dimensões socioeconômicas, culturais, espirituais e ambientais. Trata-se de garantir que as gerações atuais usufruam dos recursos disponíveis sem comprometer o acesso e a qualidade desses bens para as gerações futuras. Essa concepção, embora não seja nova, ainda é pouco difundida no Brasil, sendo abordada por pensadores como Kant, Marx e, mais recentemente, Ailton Krenak, que propõe o “bem viver” como horizonte ético e político de valorização da vida em todas as suas formas.

Weiss (2007) destaca três princípios fundamentais da equidade intergeracional: (a) conservação de recursos naturais e culturais; (b) manutenção da qualidade desses recursos; e (c) garantia de acesso às gerações futuras. Esses princípios revelam a urgência de políticas

públicas que promovam a sustentabilidade e a justiça intergeracional, especialmente no campo da educação básica.

É nesse ponto que se insere a contribuição de Terezinha Fróes Burnham (1998; 2012), ao propor os espaços de multirreferencialidade como coletivos de produção, organização e socialização de saberes significativos, situados e incorporados. Esses espaços são atravessados por dimensões vivenciais, cognitivas, afetivas, corporais, sociais e políticas, permitindo a emergência de práticas educativas que reconhecem a diversidade dos sujeitos e dos territórios.

A escola, enquanto espaço multirreferencial, torna-se lugar privilegiado para a promoção da equidade intergeracional, pois possibilita o encontro entre diferentes gerações, saberes e experiências. Ao integrar a escuta das pessoas idosas, suas memórias e narrativas, a educação básica pode contribuir para uma reparação histórica e para a construção de uma cultura de sustentabilidade e respeito à ancestralidade.

Nesse sentido, a equidade intergeracional não se limita a uma diretriz legal, como o artigo 22 do Estatuto da Pessoa Idosa (2003), mas se configura como prática educativa insurgente, que desafia os currículos tradicionais e convoca a escola a se tornar um território de convivência, reconhecimento e transformação. A articulação com os espaços de multirreferencialidade amplia essa proposta, ao reconhecer que o conhecimento não é único, neutro ou universal, mas múltiplo, situado e atravessado por relações de poder.

Assim, promover a equidade intergeracional na educação básica é também afirmar uma epistemologia crítica, que valoriza os saberes produzidos nas margens, nas comunidades e nas relações intergeracionais. É reconhecer que o futuro se constrói no presente, com base na escuta, no cuidado e na responsabilidade compartilhada entre as gerações.

## **ARTE COMO PEDAGOGIA COGNITIVA: TRANSMISSÕES INTERGERACIONAIS DE MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE**

O Brasil constitui-se como um país de intensa diversidade intergeracional, étnica e cultural, especialmente no contexto baiano, onde tradições afrodescendentes resistem às marcas da colonialidade e reafirmam a potência da memória como elemento de sobrevivência cultural. Tal preservação se deu, sobretudo, através da oralidade, da tradição e das práticas coletivas que atravessam o tempo. A educação, nesse cenário, deve ser compreendida como espaço de ressignificação e de enfrentamento às desigualdades sociais, articulando saberes ancestrais, práticas artísticas e formação cidadã.

Nesse horizonte, a perspectiva intergeracional encontra ressonância com a noção de interseccionalidade apresentada por Akotirene (2018) quando amplia o campo de análise ao evidenciar como raça, gênero e geração se entrecruzam na constituição das desigualdades sociais, mas também como podem fundamentar um olhar decolonial e crítico. Essa perspectiva é essencial para pensar a educação formal enquanto espaço de transformação social, na medida em que propõe deslocar paradigmas hegemônicos e abrir caminhos para a valorização de saberes outros, construídos a partir da experiência coletiva e ancestral.

Ao refletirmos sobre cultura e tradição, compreendemos que a memória não é estática, mas se atualiza constantemente na transmissão entre gerações. Esse movimento intergeracional se articula com a concepção de memória proposta por Leda Maria Martins, para quem a memória se manifesta como um processo performativo, continuamente reatualizado pela evocação e inscrito no corpo, numa temporalidade não linear que tenciona passado, presente e futuro (MARTINS, 2002; 2021). Tal perspectiva pode ser aproximada das contribuições de Akotirene (2018), que, ao discutir a interseccionalidade, evidencia o entrecruzamento de raça, gênero e geração como dimensões indissociáveis da experiência social. Nesse mesmo horizonte, Baumann (2006, p. 5) afirma que “na verdade, performance oferece um enquadre que convida à reflexão crítica sobre os processos comunicativos”, reforçando a ideia de que a performance é também espaço de crítica e produção de sentidos.

Sendo assim, compreende-se que a interseccionalidade e a performatividade da memória, quando mobilizadas no ensino de Arte, configuram-se como dispositivos pedagógicos decoloniais que não apenas resgatam saberes ancestrais, mas também projetam novas possibilidades de existência, aprendizagem e resistência.

Essa perspectiva contribui para que o ensino de Arte na educação básica não se limite à reprodução de conteúdos formais, mas se configure como um espaço de diálogo entre gerações, no qual a ancestralidade se inscreve como prática pedagógica e epistemológica (CERQUEIRA, 2021). Exemplo concreto dessa dinâmica intergeracional pode ser observado na atuação das Ganhadeiras de Itapuã, coletivo de mulheres negras que, por meio do canto, da dança e da oralidade, preserva e atualiza tradições culturais do Recôncavo Baiano (SECULTBA, 2016). Suas cantigas, muitas oriundas de antigos cantos de trabalho e devoção, instauram um campo pedagógico e político que transcende o tempo cronológico.

Para o grupo, cantar não é apenas expressão estética, mas sobretudo um modo de narrar a história de um povo que resistiu às opressões, conectando a memória das avós às vivências das novas gerações. Nesse gesto, o canto torna-se um dispositivo intergeracional de ensino-

aprendizagem, capaz de transmitir valores, afetos e saberes não inscritos nos manuais escolares, mas que sobrevivem na memória encarnada.

Ao trazer experiências como a das Ganhadeiras de Itapuã para as aulas de Arte, propõe-se uma pedagogia que reconheça o intergeracionismo como princípio educativo. Trata-se de compreender a aprendizagem não apenas como processo imediato, mas como diálogo entre tempos, corpos e memórias que se entrelaçam em movimento contínuo de atualização. Assim, a Arte se inscreve como pedagogia da memória (MARTINS, 2002), operando como tecnologia de transmissão de saberes e dispositivo decolonial de formação sensível. dentro desse contexto, as performances das Ganhadeiras deslocam a Arte do campo restrito do espetáculo para o território do cotidiano, no qual o corpo feminino negro atua como agente pedagógico e político.

## **INCONCLUSÕES**

A equidade intergeracional, enquanto prática educativa, convoca uma reflexão profunda sobre os compromissos éticos e políticos da educação básica frente às urgências do tempo presente. Vinculada ao conceito de desenvolvimento sustentável e à justiça entre gerações, essa perspectiva se fortalece quando pautada pelo artigo 22 do Estatuto da Pessoa Idosa (2003), que legitima a inserção do envelhecimento como tema transversal nos currículos escolares.

Ainda que o conceito de equidade intergeracional careça de maior difusão, sua materialização é possível e urgente. Os marcos legais e políticos já existentes oferecem caminhos para que a escola básica se torne palco de práticas pedagógicas que promovam o reconhecimento, a escuta e a valorização das pessoas idosas, suas memórias e saberes. Nesse sentido, a equidade intergeracional não é apenas uma diretriz normativa, mas uma provocação epistemológica que desafia os modelos tradicionais de ensino e aprendizagem.

Ao incorporar os espaços de multirreferencialidade propostos por Terezinha Fróes Burnham, compreende-se que a escola é também território de produção de saberes significativos, situados e encarnados, atravessados por dimensões vivenciais, cognitivas, afetivas, corporais, sociais e políticas. A equidade intergeracional, nesse contexto, se inscreve como prática que articula diferentes temporalidades, experiências e subjetividades, promovendo uma educação que reconhece a pluralidade dos sujeitos e a complexidade dos territórios.

Nesse sentido, o ensino de Arte na educação básica, fundamentado em perspectivas decoloniais, pode atuar como espaço de resistência e transformação, no qual tradições se reinventam e novas formas de existência se projetam. O intergeracionismo, portanto, não se

limita a uma estratégia pedagógica, mas configura-se como ética de vida e como compromisso político com a equidade social, fortalecendo vínculos comunitários e reafirmando a potência da memória ancestral como ferramenta de aprendizagem e emancipação.

Os grupos de pesquisa aos quais as autoras estão vinculadas têm se implicado com essas discussões, seja na formação de professores, na atuação com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), ou nas manifestações identitárias que emergem da docência como prática social. No livro “Nós da Docência” de Cláudia Dal’Igna (2023) se revela, assim, como força coletiva que tensiona, transforma e reinventa os modos de ser e fazer pesquisa, ensino e extensão.

Conclui-se, portanto, que a equidade intergeracional é uma potência educativa que, ao ser articulada com epistemologias críticas e metodologias insurgentes como a Cartavivência e a autocartografia, pode contribuir para a construção de uma escola comprometida com a justiça social, a sustentabilidade e a dignidade das velhices. Trata-se de uma aposta na educação como espaço de criação, resistência e transformação — onde o tempo, o corpo e a memória se encontram para (re)existir.

## Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2018.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BAUMANN, Richard e BRIGGS, Charles L. **Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social**. Ilha: Revista de Antropologia. v. 8, n.1/2, p.185-229, 2006.

CERQUEIRA, Vanessa Vieira Almeida. Arte e mediação: uma aprendizagem significativa através da contextualização para refletir os conceitos de escola e sociedade. In: BATISTA, F. E. A. (Org) Artes: propostas e acessos. Ponta Grossa - PR: Atena, 2021. p.16 a 26.

DAL’IGNA, Maria Cláudia. **Nós da docência**. 1. ed. Curitiba: Pimenta Cultural, 2023. 164 p. ISBN 978-6559397976. Publicação apenas impressa.

FERRIGNO, José Carlos. **Coeducação entre gerações** / José Carlos Ferrigno. – 2a ed. São Paulo: Edições SESC SP, 2010. 256 p.

HORA, P. C. da, & CRUZ, D. (2019). **A intergeração na educação de jovens e adultos – EJA como possibilidades de prevenção aos maus tratos intrafamiliar contra pessoa idosa**. *Revista Debates Insubmissos*, 2(4), 96–109. <https://doi.org/10.32359/debin2019.v2.n4.p96-109>.

**Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).** Censo 2022. [Internet]. Disponível:<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresmimos/> (Acessado em: 14 de março de 2024).

KRENAK, Ailton. **O que não é o bem viver.** In: KRENAK, Ailton; MAIA, Bruno (org.). Caminhos para a Cultura do Bem Viver. Sl: Cultura do Bem Viver, 2020.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela.** 1.ed. RJ: Cobogó. 2021

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o reinado do Rosário no Jatobá.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2002.

SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DA BAHIA. **Em Itapuã, mulheres são referência da cultura popular.** Salvador, 31 ago. 2016. Disponível em: <https://www.ba.gov.br/cultura/noticia/2024-02/52704/em-itapua-mulheres-sao-referencia-da-cultura-popular> . Acesso em: 18 ago. 2025.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da; ABREU, Laís Oliveira. **Cartografia.** In: SILVA, Ana Lúcia Gomes da; SALVADORI, Juliana, FERRAZ, Obdália (orgs). **Abecedário Pedagógico sob rasura: educação em diversidade.** Salvador, Alecrim, 2023.

WEISS, E. B. **Intergenerational equity: a legal framework for global environmental change.** IN. **Environmental change and international law: New challenges and dimensions.** The United Nations University, 1992.

ZEINFERT, A. P. B.; CENCI, D.R. **Justiça entre gerações: pensar sociedades justas, igualitárias e sustentáveis ao longo do tempo.** UFG. Revista Brasileira de Direito Internacional e - ISSN: 2526-0219| XXIX Congresso Nacional | v. 8 | n. 2 |p.41–62 | Jul/Dez. 2022.